

AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

***POLÍTICAS ECONÔMICAS GLOBAIS E CADEIAS DE VALOR:
UMA ANÁLISE ABRANGENTE***

Autor: Fernanda Horácio Falco

Resumo: Este artigo científico analisa a intrincada relação entre políticas econômicas globais e cadeias globais de valor, explorando seus impactos e desafios no contexto global atual. Através da lente de teorias como Vantagem Comparativa, Dependência da Trajetória e Custos de Transação, o estudo investiga como a liberalização, o protecionismo e a governança influenciam a configuração e o funcionamento dessas estruturas. Exemplos práticos, como a guerra comercial EUA-China e a pandemia de COVID-19, ilustram a complexidade e a relevância do tema.

Palavras-chave: cadeias globais de valor, políticas econômicas, liberalização, protecionismo, governança, comércio internacional

INTRODUÇÃO

As complexas cadeias globais de valor, impulsionadas pela globalização econômica, moldam a produção e o comércio mundial. No entanto, as políticas econômicas nacionais, como a liberalização, o protecionismo e a governança, exercem influência crucial sobre a configuração e funcionamento destas dinâmicas.

As cadeias globais de valor são caracterizadas pela fragmentação da produção em diferentes etapas, realizadas em diversos países, buscando otimizar custos e aproveitar vantagens comparativas. A liberalização comercial, por meio da redução de tarifas e barreiras não tarifárias, facilita a integração das empresas nas cadeias globais de valor, impulsionando o comércio internacional. Por outro lado, o protecionismo, com a imposição de tarifas e cotas, pode fragmentar estas cadeias, dificultando o fluxo de bens e serviços. A governança econômica, por sua vez, influencia a estabilidade e a previsibilidade do ambiente de negócios, afetando as decisões de investimento e localização das empresas nas cadeias globais de valor.

A análise dessas cadeias não se limita à dimensão econômica, mas exige a compreensão das relações de poder que as permeiam. Desvendar a complexidade dessas relações demanda a análise das teorias que as explicam e a compreensão de como as políticas econômicas influenciam as cadeias de valor. Ao explorar essas questões, será possível obter uma compreensão mais profunda das dinâmicas complexas que moldam as cadeias e de como as relações de poder e as políticas econômicas se interligam para influenciar o desenvolvimento econômico e social em escala global.

Nesse contexto, a necessidade de investimentos em infraestrutura, treinamento, tecnologia e preparação para eventos globais ganha destaque. A infraestrutura robusta, que inclui portos, estradas e redes digitais eficientes, é fundamental para garantir o fluxo contínuo de bens e serviços nas Cadeias. O treinamento da força de trabalho, por sua vez, capacita os trabalhadores a se adaptarem às novas tecnologias e demandas do mercado, impulsionando a competitividade das empresas. A tecnologia, por sua vez, permite a otimização dos processos produtivos, a redução de custos e a criação de novos produtos e serviços.

A preparação para eventos globais, como pandemias e crises econômicas, também se torna crucial para a resiliência das Cadeias. A diversificação de fornecedores, a regionalização da produção e a criação de estoques estratégicos são algumas das medidas que podem ser adotadas para mitigar os riscos e garantir a continuidade das operações em caso de interrupções.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar e sintetizar as diversas teorias e perspectivas sobre as Cadeias Globais de Valor. A coleta de dados foi realizada por meio da consulta a artigos científicos e livros especializados, buscando identificar e compreender os principais conceitos, debates e abordagens teóricas relacionados ao tema.

A seleção dos materiais bibliográficos seguiu critérios de relevância e atualidade, priorizando publicações de alto impacto e autores renomados na área. As bases de dados utilizadas incluíram bibliotecas digitais e repositórios acadêmicos. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram cadeias globais de valor, políticas econômicas, liberalização, protecionismo, governança, comércio internacional, combinadas de forma a abranger os diferentes aspectos do tema.

A análise dos dados coletados foi realizada de forma crítica e reflexiva, buscando identificar os pontos de convergência e divergência entre as diferentes teorias. Os conceitos e argumentos centrais de cada autor foram sintetizados e organizados em categorias temáticas, permitindo a construção de um panorama abrangente e integrado do tema.

A revisão bibliográfica foi estruturada de forma a apresentar os diferentes enfoques teóricos em diálogo, destacando suas contribuições e limitações. A análise crítica das teorias buscou identificar as lacunas e os desafios para a compreensão do tema, bem como as possíveis direções para pesquisas futuras.

Teoria da Vantagem Comparativa

A teoria da vantagem comparativa, formulada por David Ricardo no século XIX, permanece como um alicerce do comércio internacional, revelando como as nações podem prosperar ao se especializarem na produção de bens e serviços onde possuem o menor custo de oportunidade mesmo que outras nações demonstrem maior eficiência produtiva.

No contexto contemporâneo das cadeias globais de valor, essa teoria ganha uma nova dimensão, descrevendo o fluxo internacional de bens e serviços, desde a concepção até o consumo final, com a produção fragmentada em diferentes países, cada um especializado em uma etapa do processo.

A aplicação da vantagem comparativa nas cadeias, implica em uma especialização vertical, onde os países se concentram em etapas específicas da produção, aproveitando suas vantagens comparativas em termos de custos, habilidades ou recursos. Essa fragmentação da produção resulta em uma interdependência entre os países, que dependem uns dos outros para a produção e o consumo de bens e serviços.

Um exemplo prático dessa dinâmica é a produção de um smartphone, que pode ser projetado nos Estados Unidos, com componentes fabricados na China, montado no Vietnã e distribuído globalmente. Cada país se especializa na etapa da produção onde possui a maior vantagem comparativa, resultando em um produto final de alta qualidade a um preço competitivo.

Dessa forma, a teoria da vantagem comparativa, quando aplicada às cadeias globais de valor, destaca a importância da especialização e da interdependência para o crescimento econômico global. Ao se concentrarem em suas vantagens comparativas, os países podem otimizar a produção, reduzir custos e impulsionar o comércio internacional, promovendo um crescimento mútuo e sustentável.

A Teoria da Dependência da Trajetória

A Teoria da Dependência da Trajetória estruturada por diversos autores ao longo dos anos, oferece uma lente valiosa para entender a dinâmica do comércio mundial, especialmente no contexto das Cadeias Globais de Valor. Essa teoria postula que decisões e eventos passados podem moldar o presente e o futuro, criando "trajetórias" que limitam as opções disponíveis. Isso significa que as escolhas feitas no passado, seja por empresas ou países, podem ter consequências duradouras para o comércio global.

A especialização, embora impulsionada pela busca da vantagem comparativa, pode levar a um fenômeno conhecido como "lock-in" nas cadeias globais de valor. Isso significa que países, ao se concentrarem em determinadas indústrias ou setores ao longo do tempo, podem ficar "presos" a essas trajetórias, mesmo quando surgem novas oportunidades mais vantajosas. A infraestrutura, o conhecimento especializado e as instituições existentes, construídos em torno dessa especialização, reforçam a continuidade dessa trajetória, dificultando a mudança e a adaptação a novas realidades. Esse "lock-in" pode impedir o país de aproveitar as oportunidades de crescimento em setores emergentes, limitando sua participação nas cadeias em áreas mais dinâmicas e lucrativas.

A Teoria da Dependência da Trajetória nos ajuda a entender como o passado molda o presente e o futuro do comércio mundial, e como as decisões tomadas hoje podem ter consequências duradouras, criando dependências que limitam a capacidade dos países de se adaptarem às mudanças nas cadeias. Portanto, é fundamental que os países busquem estratégias de diversificação e desenvolvimento de novas capacidades, a fim de evitar o "lock-in" e garantir sua participação de forma sustentável e dinâmica.

A Teoria dos Custos de Transação

A Teoria dos Custos de Transação, formulada por Ronald Coase e expandida por Oliver Williamson, oferece uma estrutura essencial para entender as decisões tomadas por empresas e indivíduos no contexto do comércio internacional. A análise se concentra nos custos que surgem durante a realização de transações, que vão além do valor

monetário do bem ou serviço em si e incluem, por exemplo, o tempo e os recursos gastos na busca por parceiros comerciais, na negociação de contratos, no monitoramento do cumprimento dos acordos e na resolução de disputas.

Ao considerar esses custos de transação, essa teoria ajuda a explicar por que algumas atividades econômicas são realizadas internamente por empresas, enquanto outras são terceirizadas ou realizadas por meio de contratos de mercado. A teoria também destaca a importância de fatores como a especificidade dos ativos envolvidos na transação, a incerteza do ambiente de negócios e o potencial para comportamento oportunista por parte dos agentes econômicos.

Essa teoria ao ser aplicada ao contexto das Cadeias Globais de Valor, oferece uma perspectiva valiosa para entender as decisões estratégicas das empresas multinacionais. Nas cadeias globais de valor há uma complexidade adicional aos custos de transação, que vão além do simples preço dos bens e serviços, estes incluem os custos de busca e seleção de fornecedores em diferentes países, os custos de negociação e elaboração de contratos internacionais, os custos de monitoramento e coordenação das atividades em diferentes fusos horários e jurisdições, e os custos de resolução de disputas transfronteiriças.

A incerteza, outro fator chave nesta teoria, também é amplificada nas cadeias globais de valor. As empresas que operam em escala global precisam lidar com uma variedade de riscos, como flutuações cambiais, mudanças nas políticas comerciais e instabilidade política em diferentes países. Isto implica a importância de mecanismos de governança, como contratos flexíveis e sistemas de monitoramento robustos, para mitigar esses riscos. Ao considerar os custos de transação, as empresas podem otimizar suas operações globais, reduzir riscos e aumentar a eficiência.

Políticas econômicas nacionais

A política econômica nacional, que engloba as estratégias e medidas de um governo para moldar a economia do país, exerce um papel crucial nas cadeias globais de valor. Ela abrange áreas como política fiscal, que lida com gastos e tributação; política monetária, que controla a oferta de moeda e taxas de juros; e política comercial, que regula o comércio internacional, incluindo tarifas e cotas.

Nesse contexto, essas políticas podem ter impactos significativos na competitividade das empresas, na atração de investimentos estrangeiros e na integração do país à economia global. As decisões sobre protecionismo, liberalização e governança, que envolvem, respectivamente, a proteção de indústrias nacionais, a abertura de mercados e a criação de um ambiente regulatório transparente e previsível, são determinantes para a forma como um país se insere e se beneficia das cadeias globais de valor.

O Protecionismo

O protecionismo, uma vertente da política comercial, busca proteger a indústria nacional da concorrência estrangeira, impondo barreiras como tarifas, cotas e subsídios. Embora vise fortalecer a produção doméstica e gerar empregos, o protecionismo pode impactar negativamente as cadeias globais de valor: tarifas e cotas aumentam os custos de produção, prejudicando a competitividade das empresas nacionais e estrangeiras que participam dessas cadeias; podem haver retaliações de outros países, interrompendo o fluxo de bens e serviços e fragmentando a produção e o comércio.

A política comercial tem impacto direto nas Cadeias Globais de Valor. A abertura de mercados, com a redução de tarifas e barreiras não tarifárias, facilita a integração das empresas, permitindo a especialização e a divisão do trabalho em escala global, o que aumenta a eficiência.

Embora o protecionismo não tenha um fundador único, sua aplicação remonta a diversos países ao longo da história. Economistas como Friedrich List defenderam a proteção de indústrias nascentes para promover o desenvolvimento nacional. No entanto, é importante considerar os impactos negativos do protecionismo nas cadeias e na economia global.

O protecionismo, embora busque proteger a indústria nacional, pode gerar impactos negativos significativos nas cadeias globais de valor e na economia global como um todo. Ao impor barreiras comerciais, como tarifas e cotas, o protecionismo eleva os custos de produção, prejudicando a competitividade das empresas que participam dessas cadeias.

As tarifas e cotas dificultam o fluxo de bens e serviços entre os países, interrompendo a produção e aumentando os custos para as empresas. Além disso, o protecionismo pode levar a retaliações de outros países, que impõem suas próprias barreiras comerciais, resultando em uma guerra comercial que prejudica a economia global como um todo.

O protecionismo também pode levar a uma menor variedade de produtos para os consumidores, já que as empresas nacionais podem não ser capazes de produzir todos os bens e serviços necessários. Além disso, o protecionismo pode impedir a inovação, já que as empresas nacionais podem não ter incentivos para investir em novas tecnologias e produtos se não enfrentarem a concorrência estrangeira.

A Liberalização

O liberalismo econômico, com sua ênfase na livre troca e na minimização das barreiras comerciais, exerce um impacto profundo nas cadeias globais de valor. A abertura dos mercados, um pilar central do liberalismo, facilita a fragmentação da produção, permitindo que cada etapa do processo produtivo seja realizada no local mais

eficiente e com o menor custo possível. Isso leva à criação de redes complexas de produção que se estendem por diversos países, otimizando a alocação de recursos e impulsionando o comércio internacional.

A redução de tarifas e a eliminação de restrições ao comércio, características do liberalismo, incentivam a especialização e a divisão do trabalho em escala global. Países com vantagens comparativas em determinadas etapas da produção se tornam centros de excelência, atraindo investimentos e impulsionando o desenvolvimento de setores específicos. Essa dinâmica contribui para a eficiência mas também pode gerar dependência e vulnerabilidade para os países que se especializam em atividades de menor valor agregado.

Além disso, o liberalismo econômico impulsiona a inovação e a difusão de tecnologias ao facilitar o fluxo de ideias e conhecimento entre os países. A competição global estimula as empresas a investir em pesquisa e desenvolvimento, buscando constantemente novas formas de melhorar a eficiência e reduzir os custos de produção. Essa dinâmica contribui para a modernização e para a criação de novos produtos e serviços.

No entanto, a busca por custos mais baixos pode levar à exploração de trabalhadores em países com leis trabalhistas menos rigorosas, gerando preocupações com os direitos humanos e as condições de trabalho. A volatilidade dos mercados financeiros e as crises econômicas globais podem causar perdas significativas para as empresas e os países envolvidos. A crescente interdependência econômica também pode aumentar a vulnerabilidade dos países a choques externos, como pandemias e conflitos geopolíticos.

A Governança

As políticas econômicas nacionais e a governança são elementos intrinsecamente ligados, moldando o panorama econômico e social de um país. A governança, em sua essência, refere-se à forma como o poder é exercido na gestão dos recursos econômicos e sociais de uma nação, abrangendo a qualidade das instituições, a transparência, a responsabilidade e a participação cidadã.

A relação entre políticas econômicas e governança é multifacetada. A qualidade da governança influencia diretamente a eficácia das políticas econômicas. Um ambiente de governança robusto, caracterizado por instituições transparentes e responsáveis, promove a confiança dos investidores, reduz a corrupção e garante a aplicação eficiente dos recursos públicos. Por outro lado, uma governança frágil pode minar a credibilidade das políticas econômicas, levando a instabilidade e incerteza.

As políticas econômicas nacionais, por sua vez, podem moldar a governança de um país. Políticas que promovem a transparência, a participação cidadã e a responsabilidade podem fortalecer as instituições e melhorar a qualidade da governança. Por outro lado, políticas que concentram o poder ou carecem de transparência podem enfraquecer as instituições e prejudicar a governança.

A boa governança é essencial para o desenvolvimento econômico sustentável. Um ambiente de governança robusto promove a estabilidade econômica, atrai investimentos, estimula o crescimento e reduz a desigualdade. A má governança, por outro lado, pode levar a instabilidade econômica, fuga de capitais, baixo crescimento e aumento da desigualdade.

A interação entre políticas econômicas nacionais e governança é complexa e dinâmica. A qualidade da governança influencia a eficácia das políticas econômicas, e as políticas econômicas podem moldar a governança de um país. A boa governança é essencial para o desenvolvimento econômico sustentável, e a má governança pode ter consequências negativas para a economia e a sociedade.

A interação entre políticas econômicas nacionais e governança se manifesta de forma especialmente relevante nas Cadeias Globais de Valor. A qualidade da governança de um país, refletida em suas instituições, transparência e segurança

jurídica, influencia diretamente sua capacidade de atrair investimentos estrangeiros e participar de forma competitiva. Países com boa governança tendem a atrair empresas multinacionais que buscam ambientes estáveis e previsíveis para suas operações.

Por outro lado, a má governança, caracterizada por corrupção, burocracia excessiva e instabilidade regulatória, pode afastar investimentos e prejudicar a integração do país. As políticas econômicas nacionais, por sua vez, podem moldar a governança ao promover a transparência, a concorrência e o respeito aos contratos, elementos essenciais para o bom funcionamento das estruturas de comércio mundial.

Impactos Recentes nas Cadeias Globais de Valor

A dinâmica das Cadeias Globais de Valor tem sido profundamente afetada por uma série de eventos geopolíticos e econômicos recentes, que impõem desafios e promovem transformações significativas.

A guerra comercial entre os EUA e a China, com a imposição de tarifas, forçou empresas a repensar suas estratégias de produção e fornecimento. Essa reconfiguração incluiu a diversificação de fornecedores, a realocação da produção para outros países e a busca por mercados consumidores alternativos. A incerteza gerada pela guerra comercial também contribuiu para a desaceleração do comércio global e do investimento estrangeiro direto, impactando negativamente a eficiência e a estabilidade do comércio mundial.

O Brexit, decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia, ocorrido em 2016, criou novas barreiras comerciais e regulatórias. O aumento dos custos de transação, os atrasos nas fronteiras e a necessidade de adaptação a novas regras impactaram a fluidez do comércio e a eficiência das cadeias de suprimentos, e a escassez de mão de obra também se tornou um problema para o Reino Unido. Nesse contexto, autores como Dani Rodrik, em "The Globalization Paradox", discutem como a busca por autonomia

nacional pode entrar em conflito com a eficiência das cadeias globais de valor, gerando custos econômicos significativos.

Em contraste, acordos de livre comércio como o Acordo de Livre Comércio da América do Norte e a Parceria Transpacífica impulsionaram o comércio e o investimento, facilitando a integração. Esses acordos reduziram as barreiras tarifárias e não tarifárias, promovendo a especialização e a eficiência nas cadeias de suprimentos. Economistas como Paul Krugman, em "Geography and Trade", destacam como os acordos comerciais podem gerar ganhos de eficiência, mas também podem gerar perdas para alguns setores e regiões.

As sanções econômicas impostas à Rússia demonstraram como eventos geopolíticos podem interromper fluxos de energia, alimentos e outros setores estratégicos. A interrupção das cadeias de suprimentos e o aumento dos preços das commodities expuseram a vulnerabilidade das cadeias globais de valor a choques externos. A busca por novas rotas de comércio, e novos parceiros comerciais, se tornou prioridade para a Rússia, e para os países que dependiam de seus produtos. Autores como Joseph Stiglitz, alertam para os riscos de dependência excessiva de alguns países e para a necessidade de diversificação das fontes de suprimentos.

A crescente tendência de nacionalismo industrial, com políticas de incentivo à produção local e restrições ao comércio, representam um desafio que pode levar à fragmentação das cadeias de suprimentos, à regionalização da produção e ao aumento dos custos para as empresas. Essa fragmentação, pode levar a um aumento nos preços para o consumidor final, e a uma diminuição na eficiência da produção. Nesse contexto, autores como Ha-Joon Chang, discutem como as políticas de nacionalismo industrial podem ser prejudiciais para o desenvolvimento econômico a longo prazo.

A pandemia de COVID-19 revelou a fragilidade das cadeias, com interrupções na produção, logística e demanda em escala global. A escassez de componentes, os atrasos nas entregas e a necessidade de adaptação a novas medidas de segurança impactaram a eficiência e a resiliência das cadeias de suprimentos. A pandemia acelerou

a busca por resiliência e diversificação, com empresas buscando reduzir a dependência de um único fornecedor ou região.

CONCLUSÃO

A intrincada teia das Cadeias Globais de Valor tece um panorama de interdependências complexas, onde o sucesso de empresas e nações se entrelaça com vulnerabilidades latentes. A dependência excessiva de fornecedores específicos, muitas vezes situados em locais distantes do globo, torna as empresas suscetíveis a interrupções abruptas no fornecimento de insumos cruciais, expondo a fragilidade de cadeias de suprimentos alongadas e complexas. Da mesma forma, nações podem se tornar reféns de empresas que se erguem como pilares de suas economias, gerando empregos e receitas, mas também moldando a dinâmica econômica local de forma a criar uma relação de dependência.

A transferência de tecnologia, elemento vital nessas cadeias, pode engendrar assimetrias perigosas. Países em desenvolvimento, ávidos por impulsionar seu crescimento, frequentemente se tornam receptores de tecnologia proveniente de nações desenvolvidas, correndo o risco de se verem aprisionados em posições de menor valor. Essa dependência tecnológica limita seu potencial de ascensão na cadeia produtiva global, perpetuando a desigualdade e dificultando a construção de uma economia mais diversificada e resiliente.

As políticas e regulações, tanto em nível nacional quanto internacional, exercem um papel crucial na configuração das cadeias globais de valor, moldando as dinâmicas de dependência. Acordos comerciais de longo prazo, embora promovam a estabilidade e o crescimento do comércio, podem engessar a flexibilidade dos países, limitando sua capacidade de adaptação a novas realidades econômicas. Da mesma forma,

regulamentações nacionais que protegem indústrias obsoletas podem sufocar a inovação, impedindo a entrada de novas empresas e tecnologias, e perpetuando a dependência de setores estagnados.

Eventos críticos e mudanças de trajetória, como crises econômicas, avanços tecnológicos e pandemias, atuam como catalisadores de transformações, expondo vulnerabilidades e moldando novas dinâmicas de dependência. A crise financeira de 2008, por exemplo, acendeu o alerta para a necessidade de maior segurança no fornecimento e diversificação das cadeias globais de valor. Os avanços tecnológicos, como a automação e a inteligência artificial, embora prometam impulsionar a eficiência e a produtividade, também podem criar novas formas de dependência e desigualdades, exigindo uma adaptação cuidadosa por parte de empresas e nações. A pandemia de COVID-19, por sua vez, escancarou a fragilidade das longas e complexas cadeias de suprimentos globais, acelerando a busca por modelos mais resilientes e descentralizados. A busca por autonomia estratégica, a diversificação de fornecedores e a regionalização da produção se tornaram prioridades para empresas e governos, visando mitigar os riscos e construir cadeias de suprimentos mais robustas e adaptáveis às incertezas do mundo moderno.

A cooperação internacional se mostra como ferramenta fundamental para a governança das cadeias globais de valor, permitindo o alinhamento de políticas e regulamentações entre os países, a promoção de práticas sustentáveis e a mitigação de riscos sistêmicos. A cooperação multilateral, por meio de organismos, possibilita a criação de normas e padrões globais que regulem o comércio internacional, promovam a concorrência justa e combatam práticas desleais. Acordos bilaterais e regionais, por sua vez, podem aprofundar a integração econômica entre países específicos, facilitando o comércio e o investimento. A cooperação internacional também se mostra crucial para enfrentar desafios globais, como as mudanças climáticas e a pandemia de COVID-19, que exigem respostas coordenadas e ações conjuntas.

O investimento em infraestrutura e logística se torna um pilar essencial, reduzindo custos de transporte e facilitando o fluxo de bens e serviços. Portos, aeroportos, estradas e ferrovias eficientes são cruciais para conectar produtores e consumidores em

diferentes partes do mundo, reduzindo o tempo e o custo de transporte de mercadorias. A infraestrutura digital, por sua vez, permite a troca de informações e dados em tempo real, facilitando a coordenação das atividades. Além disso, o investimento em logística sustentável, como a utilização de modais de transporte mais limpos e a otimização das rotas de entrega, contribui para a redução do impacto ambiental das Cadeias Globais de Valor.

O desenvolvimento de habilidades e capacidades, por sua vez, capacita os trabalhadores a se adaptarem às mudanças, impulsionando a inovação e a competitividade. A automação e a digitalização estão transformando o mercado de trabalho, exigindo novas habilidades e conhecimentos dos trabalhadores. A educação e o treinamento profissionalizante são essenciais para preparar os trabalhadores para os desafios do futuro, garantindo que eles possam se adaptar às novas tecnologias e às mudanças nas demandas do mercado de trabalho. Além disso, o investimento em pesquisa e desenvolvimento impulsiona a inovação e a criação de novas tecnologias, permitindo que as empresas se mantenham competitivas no mercado global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. A. G., Lins, H. N., & Catela, E. Y. da S. (2020). Cadeias globais de valor, inovação e upgrading: Estudo sobre empresas industriais argentinas com base em microdados. *Revista de Economia Contemporânea, 24*(3), 1–33.
<https://doi.org/10.1590/198055272435>
- Baldwin, R. (2016). *The great convergence*. Harvard University Press.
- Chang, H-J. (2002). *Kicking away the ladder: Development strategy in historical perspective*. Anthem Press.

Gereffi, G., Humphrey, J., & Sturgeon, T. (2005). The governance of global value chains.
Review of International Political Economy, 12(1), 78–104.

Rodrik, D. (2011). *The globalization paradox: Democracy and the future of the world economy*. W. W. Norton & Company.

Stiglitz, J. E. (2017). *Globalization and its discontents revisited: Anti-globalization in the era of Trump*. W. W. Norton & Company.